



COLÉGIO JOÃO PAULO I
INTRODUÇÃO À METODOLOGIA CIENTÍFICA 2024
TURMA: 9ºB

**INVESTIGAÇÃO SOBRE AS DIFERENTES DIFICULDADES
ENCONTRADAS ATUALMENTE POR PROFESSORES DA REDE
PÚBLICA E PARTICULAR ENSINANDO ALUNOS
ALFABETIZADOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID- 19.**

Aluno: Lívia Evaldt Lima
Orientador: Maria Eduarda Pellicoli Dias

Porto Alegre/RS
2024

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
Justificativa	4
Objetivo	5
2. METODOLOGIA	5
3. RESULTADOS	6
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	6
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	7
ANEXOS	8

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é algo essencial para os seres humanos. Sempre existiram formas de estabelecer comunicação, mas, há, mais ou menos, 5.400 anos, surgiu a escrita. Ela é consideravelmente recente, mas completamente essencial para o homem moderno (IRIGOITE, 2013). Segundo o psicólogo Stanislas Dehaene (2012), em sua obra "*Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*", o processo da leitura desenvolvida pela alfabetização acontece no occípito-temporal ventral do lado esquerdo do cérebro. Nesse mesmo livro, ele ainda fala sobre sua hipótese da reciclagem neuronal. A teoria diz que o cérebro humano não evoluiu geneticamente desde a invenção da escrita, na verdade, adquire-se a habilidade de ler e escrever por conta da plasticidade de alguns neurônios. Isso acontece porque, dependendo de determinadas motivações (gatilhos), o cérebro sente que alguma informação ou habilidade é necessária (IRIGOITE, 2013, apud DEHAENE, 2012).

A alfabetização, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), deve ser realizada até o segundo ano do Ensino Fundamental I. Foi estipulado assim em uma tentativa de conseguir uma maior equidade entre o ensino público e o particular, já que é normal que escolas particulares iniciem a alfabetização das suas crianças até mesmo antes delas ingressarem no Ensino Fundamental (MEC, 2017).

Infelizmente, a pandemia da "*Coronavirus disease 2019*" (traduzido para o português como "doença do Coronavírus 2019" e popularmente conhecida por "Covid-19") afetou professores e famílias de todas as classes sociais no que se trata da alfabetização (SILVA, 2023). Foram diversos fatores: a falta de material, a falta de aparelhos como computadores, celulares ou tablets ou mesmo a falta de internet para conectar esses aparelhos (SOUSA, 2023).

Múltiplas professoras que deram aula nesse período relatam ainda a falta de auxílio vindo dos pais dos alunos. Muitos, é claro, não tiveram como ajudar seus filhos por conta do trabalho, das tarefas domésticas, entre outros, mas vários não entenderam que alfabetizar uma criança é um trabalho conjunto da escola com a família (SOUSA, 2023).

Alguns pais que tinham filhos na fase da alfabetização durante a pandemia, mas que tinham filhos mais velhos, que já tinham passado por esse processo, perceberam as diferenças drásticas no desenvolvimento cognitivo delas (G1, 2022).

As principais dificuldades das crianças, percebidas tanto por familiares quanto por professores foram a troca de certas vogais (I por E, U por O), o reconhecimento das letras e a diferenciação de palavras parecidas (GOMES, 2021).

1.1 Justificativa

A escolha do tema se justifica pelos diversos dados que foram divulgados recentemente a respeito das alarmantes taxas de analfabetismo entre as crianças do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental durante a pandemia da Covid-19, que assolou o mundo principalmente entre os anos de 2020 e 2021. O INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) fez, em 2023, uma pesquisa na qual se descobriu que o analfabetismo cresceu consideravelmente do ano de 2019 para o ano de 2021. Cerca de 60,3% das crianças do segundo ano do Ensino Fundamental, em 2019, eram alfabetizadas, enquanto, em 2021, esse número caiu para 43,6% (INEP, 2023). Essas porcentagens são de extrema preocupação, pois, principalmente na rede particular, era usual que as crianças saíssem do primeiro ano, no máximo do segundo, alfabetizadas, mas, depois da pandemia, percebeu-se que várias crianças ainda não sabiam ler e escrever. Entre crianças pretas de 6 e 7 anos, em 2021, essa porcentagem era de 47,4%; entre crianças pardas, era de 44,5%; entre crianças brancas, a porcentagem era de 35,1% (G1, 2022).

1.2 Objetivo

Objetivos gerais:

Descobrir possíveis formas de reverter ou minimizar os atrasos causados pela pandemia da Covid-19 na alfabetização de crianças que estavam no primeiro e segundo ano do ensino fundamental em 2020 e 2021.

Objetivos específicos:

Descobrir como foi, para professores da rede particular, alfabetizar crianças durante a pandemia;

Descobrir como foi, para professores da rede pública, alfabetizar crianças durante a pandemia;

Investigar as diferentes percepções de professores da rede pública e da rede particular sobre como tem sido ensinar crianças que foram alfabetizadas durante a pandemia.

2. METODOLOGIA

Pretendeu-se, para a realização da presente pesquisa, usar tanto pesquisas bibliográficas (revisão de literatura) quanto uma pesquisa de campo, entrevistando professores da rede pública e da rede particular que trabalharam em 2020 e 2021 com alunos de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental (período de alfabetização). Além disso, foram entrevistados alguns professores da rede pública e da particular que estão - ou estavam, no ano passado - ensinando alunos que foram alfabetizados durante a pandemia da Covid-19.

Os professores (tanto de rede pública quanto de rede privada) que trabalharam com a alfabetização no período de isolamento social foram chamados de Grupo 1, já os professores (tanto de rede pública quanto de rede privada) que estão atualmente trabalhando com crianças que passaram pelo processo de alfabetização durante a pandemia foram chamados de Grupo 2. Pretendeu-se entrevistar pelo menos dois professores de cada grupo, um da rede pública e um da rede privada, já que as perguntas foram elaboradas para terem respostas pessoais, visto que ter diferentes pontos de vista contribuiria para a pesquisa.

Os questionamentos do Grupo 1 foram os seguintes: “Como foram as aulas no período da pandemia (Ao vivo online ou assíncronas)?”; “Como as crianças normalmente se comportavam? Percebia alguma dispersão excessiva ou algo do

tipo?"; "Como foi a sua relação com os pais?"; "Você pode constatar que o processo de alfabetização foi bem sucedido durante a pandemia?"; "Em sua visão, quais foram os principais fatores que tiveram uma possível interferência no processo efetivo da alfabetização?"; e "Após o retorno das aulas presenciais, o uso das máscaras interferiu no processo de alfabetização e aprendizagem dos alunos?"

Já os questionamentos do Grupo 2 foram: "Como tem sido lidar com crianças que foram alfabetizadas em uma situação atípica (pandemia do Covid-19)?"; "Pela sua experiência, existem diferenças no processo de aprendizagem entre crianças alfabetizadas antes e durante a pandemia? Se sim, quais?"; "Em sua visão, qual foi o maior impacto que as aulas remotas trouxeram para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças?"; "Acredita que as crianças alfabetizadas durante a pandemia vêm sofrendo dificuldades? Se sim, quais?"; e "Tens feito algo para contorná-las (essas dificuldades)? Se sim, o que? Se não, acha que poderia fazer algo?"

Para realizar a parte bibliográfica do artigo, foram usados sites de universidades (UFMG, UFFS, UFRGS); jornais online como "O Globo", "G1", ou "Folha de S. Paulo"; pesquisas realizadas por órgãos governamentais, como o INEP. Todo o material foi em português, pois a pesquisa teve foco no contexto brasileiro. As palavras-chave utilizadas para encontrar tais sites e artigos foram: alfabetização, pandemia, práticas pedagógicas, professores, letramento, ensino remoto.

3. RESULTADOS

Como apresentado anteriormente, os dados que dizem respeito às taxas de analfabetismo infantil no Brasil entre o ano de 2019 e o ano de 2021 (em torno do período da pandemia do Covid-19) são alarmantes e precisam da atenção dos órgãos competentes (MOURA, 2023). Quando se presta atenção aos fatos, entende-se essa relevância e, por isso, entre os objetivos da presente pesquisa, está descobrir possíveis formas de minimizar os atrasos causados pela pandemia, vivida principalmente em 2020 e 2021, na alfabetização de crianças do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental.

Com a revisão bibliográfica feita para a realização deste projeto, foi possível perceber que as dificuldades na alfabetização das crianças durante a pandemia do Covid-19 foram as mais diversas possíveis: desde a falta de preparo dos profissionais devido ao cenário atípico até a escassez de materiais didáticos que são fundamentais para a fase do letramento (SILVA, 2023). Principalmente em escolas da rede pública, era necessário que os pais buscassem o material que seria usado durante a semana na escola, mas, infelizmente, vários não entendiam a importância do auxílio da família e pensavam que “isso é com a escola” ou “que se virem” (SOUSA, 2023). Apesar de tudo isso, uma entrevista feita com professoras da rede pública em Sinop-MT, realizada por Sousa (2023), mostrou que algumas professoras, no fim, conseguiram alfabetizar os seus alunos mesmo pelo modelo remoto, independentemente das dificuldades.

Para a segunda parte do projeto de pesquisa, a entrevista, obtiveram-se os seguintes resultados com o grupo 1:

Pergunta 1: Como foram as aulas no período da pandemia? (ao vivo online, atividades assíncronas)

Professora A (Escola Particular): No período da pandemia, as aulas foram online. Realizávamos aulas com a turma inteira e em momentos individuais, pois a alfabetização necessitava de uma atenção especial.

Professora B (Escola Pública): Foram aulas online (pelo Google Sala de Aula), atividades assíncronas (impressas e entregues aos alunos na escola).

Na primeira pergunta já é possível perceber que as crianças que estudaram em escola pública e as que estudaram em particular tiveram condições bem diferentes para seu estudo. As crianças de escola particular tinham aulas ao vivo todos os dias, enquanto as de escola pública nem sempre.

Pergunta 2: Como as crianças normalmente se comportavam? Percebia alguma dispersão excessiva ou algo do tipo?

Professora A: As crianças mostravam-se eufóricas, agitadas e animadas. No início, foi uma confusão, pois estávamos todos aprendendo a lidar com a nova situação. Com o tempo, as aulas começaram a ficar mais organizadas. Havia dispersão sim, pois eles estavam em casa com algum familiar, bichinho de estimação. A maioria participava da aula no próprio quarto e queria brincar. Nesse momento, foi importante deixar claras as combinações, mesmo os alunos estando dentro da casa deles.

Professora B: As crianças eram bem dispersas, não conseguiam ficar paradas na frente do computador por muito tempo, pois queriam conversar e brincar.

Aqui, percebe-se que as crianças, apesar de pertencerem a classes sociais diferentes, no quesito concentração, tinham problemas parecidos. A distração vinha do ambiente de estudos diferente e impróprio, além de familiares, animais de estimação e brinquedos.

Pergunta 3: Como foi a relação com os pais?

Professora A: A relação com os pais foi muito boa, muito próxima. Eles entendiam nosso papel e ficavam gratos pela dedicação com seus filhos.

Professora B: A relação com as famílias foi boa, porém alguns não deixavam os filhos sozinhos durante a aula e interferiam nas atividades propostas.

Nessa parte da entrevista, começa-se a perceber que a classe social pode sim interferir no processo de aprendizagem das crianças. Pode ser que as “interferências” venham do fato de os pais não conseguirem ajudar os filhos a realizarem as atividades.

Pergunta 4: Você pode constatar que o processo de alfabetização foi bem sucedido durante a pandemia?

Professora A: O processo de alfabetização foi bem sucedido. Os professores se dedicaram para que esse processo fosse natural, leve, divertido. Nos casos especiais (dificuldades), o aluno teve muita atenção e muitas atividades que o ajudassem a passar por esse processo com sucesso.

Professora B: Não foi bem sucedido, meus alunos - que, na época, estavam no segundo ano - eram muito imaturos e não estavam preparados para terem aulas online, mesmo eu propondo diversas atividades divertidas e lúdicas.

Essa foi a parte da entrevista em que ficou extremamente evidente que as redes pública e privada tiveram diferenças muito grandes durante a pandemia. Com os relatos das professoras A e B, podemos entender que, enquanto o colégio privado teve estrutura para alfabetizar as crianças mesmo no formato a distância, os colégios públicos tiveram problemas maiores e não conseguiram resolvê-los a tempo de alfabetizar as crianças, processo que, segundo a BNCC, precisa ser até o segundo ano do ensino fundamental (MEC, 2017).

Pergunta 5: Em sua visão, quais foram os principais fatores que tiveram uma possível interferência no processo efetivo da alfabetização?

Professora A: As possíveis interferências que percebi não foram entre professor e aluno. Foram com computadores que não estavam de acordo ou adultos que não sabiam mexer, aulas em celulares ou mesmo a falta de internet devido às condições do tempo.

Professora B: Por serem crianças de famílias carentes, muitos não tinham acesso à internet, então, não frequentavam as aulas. Famílias desinteressadas que não buscavam as atividades para os filhos na escola (atividades impressas) e, quando buscavam, não retornavam com elas.

Nessa pergunta, as hipóteses que existiam a respeito das famílias mais carentes não conseguirem ir buscar os materiais necessários para o estudo de seus filhos foram confirmadas.

Pergunta 6: Após o retorno das aulas presenciais, o uso das máscaras interferiu no processo de alfabetização e aprendizagem dos alunos?

Professora A: Após o retorno às aulas presenciais, as máscaras interferiram sim, pois, no processo de alfabetização, é muito importante os sons das letras e das sílabas.

Professora B: Sim, após o retorno, o uso de máscaras foi um empecilho no processo de aprendizagem, as crianças não queriam utilizar, era calor, muitos não levavam - mas, então, a escola oferecia - e, com isso, eles se dispersavam mais ainda.

Aqui existe um problema em comum e diferente ao mesmo tempo. Embora o uso da máscara tenha sido um problema para ambas, era por motivos diferentes. A professora A falou mais do sentido do aprendizado, e a professora B falou da questão da máscara se tornar uma distração a mais.

Os resultados a seguir foram os obtidos com o grupo 2:

Pergunta 1: Como tem sido lidar com crianças que foram alfabetizadas em uma situação atípica, como a pandemia do Covid-19?

Professora C (escola particular): Esse ano estou dando aula para o quinto ano, eles foram o primeiro ano na pandemia. Sinto que eles não sofreram tantos impactos, principalmente porque tiveram um grande apoio da escola e das famílias.

Professora D (escola pública): São crianças que ficaram com grandes lacunas no processo de aprendizagem, por isso, muitos possuem grandes dificuldades, principalmente no ritmo.

Pergunta 2: Pela sua experiência, existem diferenças no processo de aprendizagem entre crianças alfabetizadas antes e durante a pandemia? Se sim, quais?

Professora C: A diferença que percebo entre as crianças alfabetizadas antes e durante a pandemia é mais comportamental do que de aprendizagem. Hoje em dia,

eu vejo os alunos do quinto ano mais infantis do que eram antes. Em termos de atitudes, de autonomia, eles são bem mais dependentes. Na questão da aprendizagem, eu vejo um pouco, mas acredito que já conseguiram recuperar as defasagens do terceiro, quarto ano.

Professora D: Sim, existe diferença. Antes as crianças eram mais frequentes, interessadas e gostavam das aulas. Durante a pandemia, faltou o convívio e a interação com os colegas, e isso acarretou a baixa frequência e o desinteresse deles.

As respostas da professora C foram surpreendentes, pois nenhuma referência bibliográfica que foi lida para o desenvolvimento do presente trabalho apresentou a dificuldade que foi citada pela professora.

Pergunta 3: Em sua visão, qual foi o maior impacto que as aulas remotas trouxeram para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças?

Professora C: Depois da pandemia, eu vejo que a interação social, a confusão ainda é mais pela questão da aceitação dos grupos uns com os outros. Acho que, do tempo de ter ficado sem conviver tanto, fica a defasagem no aceitar os diferentes.

Professora D: As habilidades socioemocionais ajudam a criança a criar um desenvolvimento saudável em um ambiente de aprendizagem próprio.[...] Durante as aulas remotas, a falta de interação com os colegas e os professores teve impacto na falta dessas habilidades hoje em dia.

Pergunta 4 a: Acredita que as crianças alfabetizadas durante a pandemia vêm sofrendo dificuldades? Se sim, quais?

Professora C: Acredito que, na rede particular, não tanto, principalmente por conta do suporte que tiveram das famílias e da escola, mas, como eu disse, eu percebo uma certa dificuldade na parte comportamental.

Professora D: Acredito que sim, muitos têm dificuldades devido a muitas lacunas no processo de aprendizagem, devido à falta de interação, participação e responsabilidade durante as aulas remotas.

Pergunta 4 b: Tens feito algo para contorná-las? Se sim, o que? Se não, acha que poderia fazer algo?

Professora C: Eu tenho passado os conteúdos de forma mais lenta, mais fragmentada, os mesmos conteúdos que antes da pandemia eu conseguia ensinar mais rápido.

Professora D: Acredito que tentamos fazer de tudo para superar essas dificuldades, mas é difícil, considerando que os alunos ficaram praticamente 2 anos sem ter aulas efetivamente.

Relato da professora E (escola do município de Porto Alegre):

Na escola em que trabalho, na periferia de Porto Alegre, tivemos várias estratégias para que as atividades chegassem até nossos alunos. Postamos atividades em grupos do Facebook, enviamos atividades em grupos por turmas no WhatsApp e, por fim, a prefeitura de Porto Alegre disponibilizou uma plataforma, na qual as atividades eram postadas semanalmente. Por determinação da Secretaria de Educação, não fomos autorizados a dar aulas síncronas. Não tínhamos contato direto com os alunos, nem com suas famílias. O processo de alfabetização ficou bastante comprometido. Nossos alunos não tinham acesso a dados de Internet, a grande maioria não disponibilizava de dispositivos para acessar a plataforma. As famílias numerosas, com vários filhos, um em cada ano/turma, tinham dificuldades de organizar e ajudar na realização das atividades.

Por vezes, era apenas um celular que precisava ser compartilhado por muitos. Na comunidade em que trabalho, a segurança alimentar na pandemia era o mais grave. Famílias inteiras precisavam se organizar para garantir o básico para sua subsistência. As atividades escolares ficaram em segundo plano. A falta de acesso aos dados de Internet também foi um agravante. O uso das máscaras nunca se tornou um hábito entre as crianças e a comunidade. A grande maioria usava de forma inadequada.

Para os professores alfabetizadores, o uso da máscara prejudicava no sentido de não permitir que os mesmos pudessem articular a fala de forma clara. A articulação dos fonemas e das sílabas (consciência fonológica) é primordial para aquisição da leitura e da escrita. As turmas foram divididas em pequenos grupos, sendo assim, o uso da máscara não afetava a comunicação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, foram analisados dados que refletem o analfabetismo infantil, principalmente entre os anos de 2019 e de 2021. Dados que mostram o impacto da recente pandemia do Covid-19 nesse quesito também foram levantados. Além disso, também foram feitas entrevistas com professores que participaram do processo de alfabetização das crianças durante a pandemia e professores que estão trabalhando com essas crianças agora, em 2024. Esses professores entrevistados foram do sistema público e do particular de educação.

Quando se dá atenção a esse assunto, entende-se que o Brasil carece de investimentos no ensino público, já que é possível perceber que a defasagem na alfabetização de alunos dessa rede é bem maior que a de alunos da rede privada. Por esse motivo, acredita-se que o analfabetismo entre as crianças do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental é um problema muito sério, que merece a devida preocupação da parte do Governo. Mesmo que, por conta dessa situação atípica (pandemia), tenham surgido dados mais assustadores do que os dos anos anteriores, é necessário que as autoridades competentes busquem formas de corrigir a situação.

Com a investigação, pode-se concluir que, assim como o esperado, as crianças de escolas públicas sofreram impactos mais fortes, principalmente pela falta de estrutura das escolas, dos profissionais e das famílias, considerando que a pandemia do Coronavírus 19 foi uma situação anormal e inesperada. Tendo como base este trabalho, hipóteses que poderiam ser levantadas para continuar a pesquisa seriam: como o Governo pode preparar e instruir as escolas e os profissionais para uma situação em que os alunos precisassem ser afastados mais uma vez ou qual foi a perspectiva das famílias a respeito da alfabetização a distância que seus filhos passaram.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, E. M. *et al.* Alfabetização e letramentos em tempos de pandemia: uma análise de relatos de experiência. UFMG, Belo Horizonte, 2021.

INEP. Relatório da pesquisa Alfabetiza Brasil: Diretrizes para uma política nacional de avaliação das crianças. Brasília, 2023. Disponível em : https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_da_pesquisa_alfabetiza_brasil.pdf . Acesso em: 08 mar. 2024.

IRIGOITE, J. C. S. Teorizações cognitivas sobre o processamento da leitura: contribuições das neurociências. **Working Papers em Linguística**, v. 13, n. 3, p. 106-116, 2012.

MEC. Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do ensino fundamental. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47191-base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-o-segundo-ano-do-fundamental>. Acesso em: 29/08/2024.

OLIVETO, P. Aprender a ler causa profundas mudanças mentais. Brasília, 2010. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2010/11/12/interna_ciencia_saude,222845/aprender-a-ler-caoa-profundas-mudancas-mentais.shtml . Acesso em 03 mai. 2024.

UNICEF. Analfabetismo em crianças brasileiras dobra durante a pandemia. Rio de Janeiro. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/unicef-analfabetismo-em-criancas-brasileiras-dobra-durante-pandemia>. Acesso em: 27 ago. 2024.

USP. Desigualdade marcou o processo de alfabetização infantil durante a pandemia. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/desigualdade-marcou-o-processo-de-alfabetizacao-infantil-durante-a-pandemia/#:~:text=Segundo%20o%20professor%2C%20no%20processo,da%20escola%20na%20nossa%20sociedade>. Acesso em: 08 mar. 2024.

VARIANI, C. (Des) conectados: o isolamento social, a prática do ensino remoto emergencial e a atuação familiar no processo de alfabetização das crianças no período de pandemia da covid-19. UFFS, Chapecó, 2023.

SANTOS, E. Número de crianças que não aprenderam a ler e escrever chega a 2,4 milhões e aumenta mais de 65% na pandemia, diz ONG, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/02/08/numero-de-criancas-que-nao-aprenderam-a-ler-e-escrever-aumenta-na-pandemia-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 08 mar. 2024.

SILVA, G. P. Impactos da pandemia Covid-19 na alfabetização. Revista Eventos Pedagógicos, v.15 n.1, 2023.

SOUSA, K. M. B. A prática de alfabetização na pandemia Covid-19: O que dizem as professoras. Revista Eventos Pedagógicos, v.15 n.1, 2023.

ANEXOS

Inserir informações que achar necessário, e que não merecem mérito de estarem inseridas no corpo do trabalho.